

Sobre as responsabilidades e liberdades de se discutir o suicídio

Fernanda Ferreira
Gabriel Pinezi
Willian André

o suicídio continua a ser um dos tabus remanescentes da nossa era. Ato que rejeita completamente até mesmo o mundo que deve sancioná-lo, ele é uma “negação da promessa liberal sobre a qual as democracias modernas se sustentam” (Lisa Lieberman). Mas é também um tabu muito curioso. Está claro que não se trata do caso de não podermos comentá-lo ou abordá-lo. O suicídio é estudado, relatado, analisado, e regularmente discutido em diversos contextos, tanto dentro quanto fora dos regimes disciplinares dos múltiplos discursos, especialmente na psicologia, sociologia, estudos sociais, medicina, ética, psiquiatria, etnografia, epidemiologia, historiografia, e na própria suicidologia. Trata-se também de um ato ou evento central em inúmeros romances, pinturas, contos, poemas, peças, filmes, canções e outros artefatos culturais. O forte tabu da morte voluntária, todavia, é herdado das restrições ou limitações sobre como o tópico pode ser abordado. Substituindo a hegemonia dos discursos legal e teológico sobre o suicídio enquanto crime ou pecado, dominante desde os tempos de Santo Agostinho até o fim do século 18, pelo menos, assim como a medicalização do ato simplesmente como atributo da loucura – consequência de se estar non compos mentis ou sofrendo de “insanidade temporária” (motivo que se desenvolveu e se tornou dominante no fim do século 18 e ao longo do 19) –, a compreensão moderna do suicídio é construída, mesmo (ou especialmente) na medicina e na psiquiatria, em termos de interdição, como estratégia e prática de prevenção. Qualquer coisa que resista ou ameace a interdição do ato tende a ser instantaneamente negada e proibida. (...) há uma inquietação social penetrante a respeito das representações do autoaniquilamento que não o denunciam e interdizem explicitamente: a única forma de discurso inteiramente legítimo sobre o suicídio é o discurso da prevenção (Andrew Bennett, Suicide Century: Literature and Suicide from James Joyce to David Foster Wallace).

As atividades de preparação deste dossiê temático sobre literatura e suicídio foram iniciadas por volta de agosto de 2018. Estávamos às vésperas da quarta edição da campanha nacional “Setembro Amarelo” quando divulgamos a chamada para publicação. Deste momento até as primeiras reações negativas à

nossa iniciativa foi um tempo bem curto. Ainda temos bem guardados os muitos e-mails que trocamos quando, nas redes sociais, começaram a surgir as acusações: de que estávamos “romantizando o suicídio”; de que estávamos sugerindo que a escrita é “porta de entrada para o autoaniquilamento”; de que

nossa chamada louvava o “gênio suicida” e a “beleza da morte auto-infligida”.

Essas interpretações equivocadas são bem explicadas pela longa citação de Andrew Bennett que escolhemos para a epígrafe desta apresentação. Apesar da necessidade premente de se discutir o suicídio, num momento em que os índices de mortes voluntárias atingem os números mais alarmantes, os discursos sobre o ato ainda são construídos sob a égide do preconceito. Conforme esclarece Bennett, o autoaniquilamento sempre se configurou como tabu, e sua “versão” mais atual – reinante principalmente desde as últimas décadas do século XX – veste a máscara da prevenção: fala-se muito a respeito do tema, mas só são legitimados os discursos que se mantêm no conforto do distanciamento, reduzindo o suicídio a um cancro maligno que precisa ser combatido e eliminado. É por isso que a maioria das pessoas – algumas delas, realmente bem intencionadas – não consegue conceber outra abordagem sobre o assunto que não seja a preventiva, talvez por medo de encarar o problema diretamente, como já apontava A. Alvarez no início dos anos 1970.

Ao propor um dossiê temático sobre literatura e suicídio, estamos definitivamente preocupados com o problema que o tema encerra em suas mais diversas dimensões, mas ao mesmo tempo estamos escolhendo uma abordagem que não é a preventiva – e que, nem por isso, precisa ser “menos legítima”. A literatura, afinal, sempre se prestou ao

trato de assuntos muito espinhosos e delicados. Kafka já nos ensinava, há bastante tempo, que “os livros de que precisamos são aqueles que agem sobre nós como uma desgraça, que nos fazem sofrer como a morte de quem amamos mais do que a nós mesmos, que nos fazem sentir como se à beira do suicídio”. E este tema, o suicídio, a literatura o aborda, desde a Antiguidade até o presente, sob diversas perspectivas e com muita sensibilidade – o que é possível constatar pela riqueza de conteúdos que compõem este volume de Criação & Crítica.

Contradizendo as críticas mal fundamentadas, mais de quarenta manuscritos foram submetidos ao dossiê, revelando a necessidade de se dar espaço a estudos sérios sobre o tema. Os trabalhos que recebemos passaram por processos de avaliação em que se fez fundamental o crivo de profissionais com conhecimentos específicos nas áreas abordadas. Como resultado desses processos, reunimos aqui um total de nove artigos, uma tradução e um exercício de estilo, que, no conjunto, vêm colaborar para a solidificação dos estudos brasileiros sobre o suicídio na literatura. Entre várias alternativas possíveis, optamos por organizar o material a partir de uma perspectiva historiográfica, levando em conta os autores e obras trabalhados em cada texto.

Dessa forma, abre o dossiê **Pier Della Vigna x Catão de Útica: dois suicidas da *Divina Comédia* dantesca**, artigo em que Maria Célia Martirani Bernardi Fantin investiga o aparentemente contraditório trata-

mento conferido por Dante aos dois suicidas que dão nome ao trabalho. Enquanto Pier Della Vigna é mantido na floresta dos violentos contra si mesmos, no Sétimo Círculo do Inferno (Canto XIII), Catão de Útica recebe melhor sorte, permanecendo como guardião do Purgatório (Canto I). Conforme a leitura de Fantin, a quase “absolvição” de Catão por Dante se deve ao gesto de nobreza envolvido no suicídio do republicano uticense.

Do final da Idade Média ao romantismo do século XIX, passamos ao artigo **O suicídio como aprendizagem: uma leitura do poema “Rolla” de Musset feita por Álvares de Azevedo**, de Natália Gonçalves de Souza Santos. Abordando o ensaio “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, em que Azevedo apresenta uma tradução parcial do poema cujo protagonista homônimo é um suicida, a autora do artigo investe na percepção alvaresiana de que a morte voluntária acaba por se configurar, para Rolla, como etapa de formação e amadurecimento, conferindo-lhe uma percepção mais aguda da existência.

Se os dois primeiros artigos partem de uma abordagem mais baseada na metodologia historiográfica, em **Quando um heterônimo se suicida: tanatografia e alteridade na Educação do estoico, do Barão de Teive**, Ana Clara Magalhães de Medeiros e Augusto Rodrigues da Silva Junior apostam na construção de um texto bastante poético que analisa o único manuscrito deixado pelo pouco conhecido (e suicida) heterônimo pessoano Barão de Teive.

Partindo da perspectiva dialógica bakhtiniana, os autores refletem sobre alteridade e escrita da morte em *Educação do estoico*, empreendendo ainda um diálogo necessário com a filosofia do estoicismo.

Do modernismo português ao Japão, chegamos ao primeiro artigo do dossiê sobre um autor que efetivamente tirou a própria vida, para além de ter abordado o tema em seus escritos. Em **Suicídio, desejo e gozo na escrita literária: uma análise psicanalítica do “Patriotismo” de Yukio Mishima**, Rafael Salmazi Sachs e Renan Kenji Sales Hayashi propõem uma análise do conto “Patriotismo”, de Mishima, que viria a cometer o *seppuku*. Além de propor o estudo a partir da perspectiva da Análise do Discurso, os autores dialogam principalmente com a psicanálise lacaniana, procurando deslindar, a partir das ações ritualísticas e do pacto suicida narrados no conto, relações entre autoaniquilamento e sublimação.

Na sequência, entra em cena o primeiro artigo do dossiê que trata de autoras. Em **Sylvia Plath, Cláudia Roquette-Pinto e os limites da escrita: uma poética do autoaniquilamento**, Aline Leal Barbosa propõe uma associação anacrônica entre a poética das duas escritoras: a primeira, uma “suicida literária” que veio a ser reconhecida como uma das principais poetisas do século XX; a segunda, autora contemporânea em cuja construção poética a primeira se faz presente. A leitura busca encontrar pontos de semelhança e de dissonância entre as obras delas, observando, em questões que

passam por materialidade do corpo, feminismo e linguagem, como a desestabilização do real por meio da última fomenta o aniquilamento em variadas formas.

Ainda sobre escritoras suicidas: Lara Luiza Oliveira Amaral, em **“Para os não nascidos”**: a **peça-suicídio de Sarah Kane**, reestabelece um tom poético no desenvolvimento do dossiê em sua análise de *Psychosis 4.48*, a última peça escrita por Sarah Kane pouco antes de enforcar-se com os próprios cadarços em uma clínica de observação para suicidas. Apostando na interpretação do texto de Kane enquanto “bilhete suicida” metafórico, a autora analisa tanto os movimentos estéticos da peça quanto os conflitos de uma subjetividade cindida em um texto dramático que problematiza os próprios limites do drama e a condição da individualidade maniaco-depressiva.

No artigo seguinte, temos um estudo sobre David Foster Wallace, autor que se aproxima de Kane não só pela pertença de ambos às literaturas anglófonas, mas também pela proximidade no *modus operandi* de seus destinos trágicos: nove anos depois do suicídio da dramaturga britânica, o norte-americano Wallace também se mataria enforcado. É partindo da narrativa construída acerca da morte do autor que Marcos Namba Beccari, no artigo **Você acaba se tornando você mesmo? O personagem David Foster Wallace**, problematiza – em diálogo com o filme *The End of the Tour*, de 2015, dirigido por James Ponsoldt e baseado no relato biográfico *Although*

of course you end up becoming yourself (2010), do jornalista David Lipsky – o quanto o suicídio de Wallace influencia, de forma muitas vezes determinista, toda a trajetória artística do escritor – movimento que aponta para a criação de um “Wallace personagem”.

Prosseguindo com os autores contemporâneos, Ricardo Augusto de Lima, em **Sergio Blanco (1971-2015): o suicídio como ato poético**, observa a performance por trás da morte de um personagem homônimo do dramaturgo franco-uruguaio Sergio Blanco na peça *La ira de Narciso*. Partindo das discussões de Maurice Blanchot em especial, o autor do artigo analisa a experiência literária da autoria como espaço de morte, e também como Blanco consegue encenar esse aniquilamento autoral em sua peça, uma morte simbólica e performática, uma morte voluntária que passa, neste caso, pela discussão sobre a morte do autor e sobre as problemáticas em torno da questão da autoria, da leitura e da linguagem.

Fechando o conjunto dos artigos, Rodolfo Rorato Londero, em **“Tarde demais para morrer jovem”**: **depressão e suicídio na literatura brasileira contemporânea**, propõe estudo sobre textos de Daniel Galera, Julia Wähmann, e Frederico Barbosa. Ao abordá-los, observa como eles tratam da depressão em seus escritos, explorando a tensão entre a doença e o suicídio fora da normalização do discurso positivo da prevenção. Em sua conclusão, o autor observa que o discurso da autoajuda e das campanhas de pre-

venção “fazem falar o que a sociedade gostaria de ouvir”, e, situando a literatura como uma via de abordagem que consegue escapar dessa perspectiva, ecoa justamente o tom com que iniciamos este texto de apresentação.

A tradução do texto de Qui-Phiet Tran, *A questão do suicídio em O som e a fúria*, realizada por Willian André, encerra bem a perspectiva dos artigos que compõem o dossiê: o vietnamita defende, ao tratar do romance de Faulkner e de seu personagem suicida, Quentin, a necessidade de analisar o suicídio de maneira mais complexa e profundo do que o clichê imposto. Para alcançar essa leitura mais plurissignificativa, o crítico observa a trajetória do personagem considerando o caráter individual do suicídio, na tentativa de não resvalar nas armadilhas que o tabu oferece.

Por fim, acrescentando um tom artístico ao fechamento do dossiê, temos o exercício de estilo **Anda vivo, não morreu: ensaio sobre Torquato Neto**, de Rodrigo Lobo Damasceno. Se o primeiro artigo deste volume apresentava, em certo ponto, uma reflexão sobre a figura de Catão, que preferiu a morte voluntária ao jugo do Império Romano, neste último texto encontramos uma atualização dessa mesma questão que, para além de ética, é política. Ecoando, em certa medida, as

palavras de Artaud sobre o “suicídio pela sociedade” Van Gogh, Damasceno reflete sobre a figura icônica do poeta e músico brasileiro Torquato Neto, associando seu suicídio à conjuntura política do regime ditatorial brasileiro, e expandindo a questão não só para demais ditaduras da América Latina, mas também, em um movimento extremamente necessário e atual, para a configuração política mais recente do Brasil.

Em visada geral, esses onze textos que compõem o dossiê “Morrer pelas próprias mãos: literatura e suicídio” (até onde nos consta, o primeiro dossiê publicado por um periódico brasileiro sobre as relações entre literatura e suicídio), com seus diversos objetos de pesquisa e perspectivas de abordagem, compõem um mosaico suicidológico que possibilita não apenas um aprofundamento de nossos conhecimentos sobre o autoaniquilamento na matéria literária, mas também um olhar mais sensível e plurissignificativo para o ato limítrofe de se tirar a própria vida enquanto irrecusável patrimônio humano. Registramos aqui nossos sinceros agradecimentos a todos os autores e avaliadores que colaboraram com o dossiê pelo apoio sério com que nos presentearam. Desejamos uma boa leitura e uma vida longa a todos que se interessam pelo assunto.